

01

Entre-lugares: uma transmutação em educação

Andreia Dias

Faculdade Belas Artes de Lisboa
afdias@gulbenkian.pt

Ricard Huerta

Universidade de Valência
ricard.huerta@uv.es

Leonardo Charréu

Instituto Politécnico de Lisboa
leonardocharreu@edu.ulisboa.pt | [LATTES](#)

Recebido em: 04/03/2025
Aprovado em: 05/03/2025



DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431782022024005>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*.

Entre-lugares: uma transmutação em educação

Procura-se lançar um olhar para os ambientes que, além da escola, também são lugares de educação, adentrar territórios “outros” que não meramente os tradicionais espaços intramuros escolares. Nesse sentido, conceitos como pedagogia cultural e museologia crítica cruzam-se e interlaçam-se testemunhando experiências e práticas que têm cada vez mais impacto na vida das pessoas, em particular nos que têm a oportunidade de poder habitar e viver essas experiências singulares que ajudam a compreender e interpretar o complexo mundo em que vivemos e construímos. Os espaços museológicos, as instituições culturais, assim como uma enorme diversidade de outros lugares públicos e privados, têm vindo então a reconfigurar-se em muitas partes do mundo para expor não só objetos, mas também para gerar narrativas diversas, inclusivas e críticas, que questionam saberes instalados julgados inamovíveis, desmontando por vezes preconceitos julgados inquestionáveis e que afetam a vida das pessoas contribuindo para novos paradigmas educacionais. Uma educação artística significativa e transformadora pode então produzir-se, nestes entre-lugares e cruzamentos, nas inúmeras linguagens materiais ou imateriais de que é portadora, valorizando e visibilizando histórias e perspectivas múltiplas, contribuindo para a equidade e justiça social do mundo que ousamos sonhar.

PALAVRAS-CHAVE: museu. escola. transmutação, entre-lugares

Between places: a transmutation in education

The aim is to take a look at environments that, beyond the school, are also places of education, to enter “other” territories that are not merely traditional intramural school spaces. In this sense, concepts such as cultural pedagogy and critical museology intersect and intertwine, bearing witness to experiences and practices that have an increasing impact on people's lives, particularly those who have the opportunity to inhabit and live these unique experiences that help us understand and interpret the complex world in which we live and build. Museum spaces, cultural institutions, as well as a huge variety of other public and private places, have therefore been reconfigured in many parts of the world to exhibit not only objects, but also to generate diverse, inclusive and critical narratives that question established knowledge that was thought to be immovable, sometimes dismantling prejudices that were thought to be unquestionable and that affect people's lives, contributing to new educational paradigms. A meaningful and transformative art education can therefore be produced in these in-between places and intersections, in the countless material or immaterial languages it carries, valuing and making visible multiple histories and perspectives, contributing to the equity and social justice of the world we dare to dream of.

KEYWORDS: museum, school, education, transmutation, in-between places.



Figura 1: projeto **No meu corpo cabem vários continentes**, Fonte: Gonçalo Barriga

1. Pensamentos Desassossegados

Os espaços museológicos, as instituições culturais, assim como uma enorme diversidade de outros lugares públicos e privados, têm vindo então a reconfigurar-se em muitas partes do mundo para expor não só objetos, mas também para gerar narrativas diversas, inclusivas e críticas, que questionam saberes instalados julgados inamovíveis e hegemónicos, desmontando por vezes preconceitos julgados inquestionáveis e que afetam a vida das pessoas contribuindo para novos paradigmas educacionais.

Este questionamento tem sido intenso, em especial na última década, com a pressão de movimentos como o *Black Lives Matter*, iniciado em 2013 nos E.U.A. e que se tem vindo a expandir mundialmente, que se posicionou de uma forma muito direta desafiando os museus e instituições culturais a saírem da sua zona de conforto e tornarem-se civicamente ativos, quer no tipo de obras de arte e objetos que exibem, quer nas narrativas que geram a partir das mesmas com as escolhas curatoriais quer nas propostas e discursos educacionais que promovem e agora mais recentemente, pelas exigências dos movimentos ambientalistas que questionam a noção de valor atacando obras de arte como forma de reivindicações ecológicas como o *Just Stop Oil*, que tem visado vários museus europeus como palco de protestos no Reino Unido, Alemanha, Itália e Países Baixos.

Como podemos todos nós, como professores, educadores, mediadores, profissionais de museus, visitantes de museus, comunidades, e cidadãos que todos somos, agir como “*changemakers* e exigir que os nossos museus ajam na direção de uma mudança social positiva que una as pessoas na direção de uma sociedade mais justa, equitativa, compassiva e conectada”? (Murawsky, 2021, xii). São muitas as questões e as decisões que os museus têm de tomar de forma a puderem ser relevantes, criando significância dentro da sociedade que vá para além do seu papel tradicional de conservação e apresentação dos objetos ao seu cuidado e serem de alguma forma “caixas de ressonância para as inquietações do mundo” (Dias & Gomes da Silva, 2023).

Aqui centramo-nos nos museus de arte em concreto e de como têm procurado diferentes formas de responder aos desafios que lhes têm sido colocados e no campo da educação em específico, porque acreditamos que “a educação está no coração dos museus”, como nos diz David Fleming, diretor dos Museus Nacionais de Liverpool.

Sentimos que têm sido operadas transformações várias que podemos agrupar em três possíveis formas de atuação, na relação com os seus visitantes:

-Museu-casa (que habitamos como parte do nosso quotidiano)

-Museu-relação (que escuta, cuida e empodera)

-Museu-cívico (que responde ao chamamento da sociedade civil e às problemáticas do mundo em que vivemos)

Estas formas não são estanques e vão-se interligando nas propostas criadas pelos museus de *interface* com os diferentes públicos permitindo um trabalho desenvolvido em eixos de parceria que sublinham a inclusão, a participação, a colaboração e a cocriação num território que consideramos de educação artística viva e significativa.



Figura 2: projeto **LUGAR** 2023/24, Fonte: Pedro Pina

Esta educação artística, que surge fora do contexto em que estamos mais habituados a pensá-la – a escola, nasce de outros territórios e traz consigo conceitos como pedagogia cultural e museologia crítica que se cruzam e interlaçam testemunhando experiências e práticas que têm cada vez mais impacto na vida das pessoas, em particular nos que têm a oportunidade de poder habitar e viver essas experiências singulares que ajudam a compreender e interpretar o complexo mundo em que vivemos e construímos.

Os museus de arte são espaços favorecidos de relação direta com o objeto artístico o que os torna cada vez mais incontornáveis na abordagem da educação artística, nos seus espaços expositivos a experiência estética se alia à criatividade e à imaginação, numa união que potencia a experimentação e a criação como componentes necessários da aprendizagem (Greene, 1995). Nestes espaços, a obra de arte, que resulta da experiência estética do artista que a produziu, é o ponto de partida para que o visitante – estudante ou outro, crie a sua própria experiência, centrada nas suas interpretações e como ato de recriação significativa. Este processo completa-se, ainda, no ato da experimentação, na passagem da fruição e interpretação para a ação-criação (Dewey, 1980), que potencia o envolvimento de todos os sentidos na vivência da experiência com a obra de arte, tornando o visitante intérprete e performer de práticas de construção de significados (Hooper-Greenhill, 2007), entendendo-se a experiência como elemento fundamental na educação, porque é o meio da educação (Eisner, 2002).

Encarando a educação artística não apenas como um fazer ou um método, mas sim como uma forma de pensamento e posicionamento crítico na vida e no mundo, transformando “a prática acrítica para a prática como produção de pensamento crítico criativo e artístico “ (Acaso & Megia, 2017, p.82) têm surgido eixos de trabalho que têm migrado dos museus para as escolas e criado um novo lugar educacional híbrido que entre outras possibilidades tem desenvolvido parcerias museu-escola que permitem um alargamento do território da educação e a possibilidade novos paradigmas educacionais.



Figura 3: projeto *LUGAR* 2203/24, Fonte: Pedro Pina

2. Incorporar inclusão, diversidade, criatividade e tecnologias digitais

As visitas aos museus podem estimular a criatividade do público, especialmente dos estudantes. Falamos de criatividade inclusiva porque levamos em conta a perspectiva de género quando nos referimos à promoção da criatividade. Os museus de arte constituem espaços de desenvolvimento da criatividade, locais onde temos a oportunidade de propor programas de educação patrimonial que desenvolvam e reforcem o pensamento criativo, crítico e divergente do público. Trata-se de gerar sinergias positivas entre museus e centros educativos para promover a criatividade inclusiva entre estudantes e docentes Ao refletir sobre os novos usos dos museus podemos alcançar:

1. Analisar o potencial criativo da combinação de ambientes educativos e museus.
2. Melhorar a oferta de atividades para escolares pelos museus
3. Redefinir problemas através de experiências em museus de arte.

4. Aumentar o nível de criatividade dos públicos, tendo em conta o género, a diversidade e o contexto.
5. Avaliar as componentes afetivo-pessoais da criatividade.
6. Gerar propostas para a solução de problemas sociais.
7. Avaliar as atitudes da comunidade docente.
8. Implementar práticas de educação patrimonial em museus que promovam a criatividade.
9. Analisar o grau de preparação dos centros educativos para enfrentar os desafios da promoção da criatividade através do museu.
10. Avaliar a estrutura, organização e dinâmica interna do museu que possam promover a criatividade.

A colaboração dos professores dos centros educativos - escolas e dos setores de educação dos museus é essencial para transformar a situação, para que possam ser elaboradas propostas de otimização. É aconselhável investigar a possibilidade de um aumento substancial na formação da criatividade para a população adolescente (Van der Zanden et al., 2020), bem como para professores, mediadores e educadores de museus. Trata-se de unir interesses entre centros educativos - escolas e museus. Este desenvolvimento da criatividade está naturalmente associado a um aumento da produtividade: maior número de ideias, maior variedade, maior nível de inovação e maior grau de aplicabilidade dessas ideias (Huerta, 2021). A criatividade gera conhecimento aplicável e impulsiona o desenvolvimento tecnológico, o que permite às gerações mais jovens enfrentar os desafios do futuro com maiores chances de sucesso.

O conceito “ambiente” refere-se normalmente a um lugar físico, que ligamos imediatamente ao espaço arquitetónico e ao território. Mas não podemos esquecer que a riqueza terminológica da palavra “meio ambiente” também nos remete a questões tão diversas e importantes como a possibilidade de gerar ambientes positivos que gerem ações relevantes, a riqueza oferecida pelos ambientes afetivos, ou mesmo a ductilidade e leveza dos ambientes virtuais. Portanto, levando em conta a amplitude semântica do termo, um ambiente de aprendizagem é muito mais do que o local onde ensinamos. Na verdade, em muitas ocasiões,

as salas de aula tornaram-se espaços pouco propícios ao ensino, por isso devemos fazer um esforço para nos adaptarmos ao momento presente e começar a repensar a forma como queremos construir ambientes educativos. Este compromisso envolve envolver estudantes, professores, designers, decisores políticos, para desenvolver um novo sistema de avaliação e compreensão de ambientes adequados para gerar ações educativas. Os museus são um ambiente ideal para a educação (Huerta, 2024), e devem ser vistos como referências importantes, espaços aliados para os professores, especialmente quando falamos em promover a criatividade e o pensamento reflexivo (Huerta & Soto-González, 2022).

Os museus geralmente estão localizados em ambientes urbanos. O modelo de cidade, a forma como o concebemos ou percebemos, as situações de convivência no espaço urbano, e em geral tudo o que se relaciona com a vida nas cidades, constituem aspetos que interessam às humanidades e ao estudo do comportamento humano. Se refletirmos sobre a forma como a comunidade docente vê a cidade, descobrimos que existe uma forma particular de olhar o urbano por parte do corpo docente, embora as opiniões da comunidade docente tenham muito pouca influência nas decisões que os decisores políticos, os arquitetos, continuam a fazer e planejadores urbanos ao projetar ou redefinir ambientes urbanos. Aqueles de nós que temos a responsabilidade de educar as novas gerações não conseguimos melhorar as cidades onde vivemos porque a nossa voz é completamente inaudível para aqueles que tomam decisões nas áreas do poder. O que podemos fazer é tentar educar os cidadãos para uma utilização mais responsável dos recursos urbanos, ao mesmo tempo que os ajudamos a desfrutar de tudo de bom que a cidade oferece para a descobrir, e também para nos descobrirmos. As cidades, tal como os museus que as habitam, evoluem, mudam, transformam, infetam, partilham e punem. No seu futuro, cada museu mostra-se ao mundo com base nos seus próprios recursos ou capacidades de comunicação. Desta forma desenvolvemos esquemas particulares sobre cada museu, sobre o potencial educativo que nos oferece.

Dependendo da necessidade de construção de novas leituras e enriquecimentos pessoais entre os usuários das visitas às exposições, a atividade educativa poderia estar focada em uma conceção crítica do próprio trabalho educativo, o que impacta positivamente na avaliação constante das atividades realizadas. Trata-se de fornecer novas ferramentas para professores e alunos abordarem a arte a partir da sua especificidade, tendo em conta que algumas das premissas da criação artística atual são: a estreita relação das obras com o seu

contexto, e a necessidade de conhecer as chaves culturais que abra essas obras à sua interpretação. Entendemos que a formação contínua dos educadores museológicos tem muito a ver com a sua própria experiência profissional. Se uma equipa educativa de um centro de arte propõe uma revisão constante das suas estratégias, procurando melhorar o contacto com o público e estabelecendo novas redes operacionais, então podemos observar uma evolução positiva no equilíbrio de trabalho dos seus componentes, ao mesmo tempo que são ouvidos. as vozes dos utilizadores, que desenvolverão maior interesse neste tipo de iniciativas, o que poderá favorecer a promoção da criatividade junto do público utilizador do museu.



Figura 4: projeto **Corpo de Histórias** 2023/24, Fonte: Gonçalo Barriga

3. Funções do museu como instituição pública

Convém, no entanto, sublinhar que o museu enquanto instituição pública, ou nas suas funções públicas (se for privado) que é a que nos interessa mais (apesar das suas origens nas coleções dos ricos mecenas privados renascentistas, seguidas pelos “gabinetes de curiosidades” dos séculos seguintes) não escapa a uma leitura ampla que pode ser realizada a partir de um certo viés, digamos, político e que já foi aflorado atrás.

O museu, como disse com muita pertinência o incontornável André Malraux: “é uma confrontação de metamorfoses” (Malraux, s/d: p.10) os seus objetos mudam de estatuto quando de museificam e quando sobem ciclicamente da tranquila escuridão dos acervos para as iluminadas salas de exposição. Paradoxalmente, metamorfoseiam-se, sem mudarem de forma, gerando ou recriando outras narrativas, ou narrativas “outras”, em função daquilo que as condições legitimadoras de determinados discursos gerados a partir dos seus artefactos permitem em cada momento histórico. Assim, existem várias dimensões que podemos dissecar nessa relação da museologia crítica, como temos vindo a entendê-la até aqui, com as chamadas políticas públicas. Há pontos comuns entre as duas, ambas envolvem práticas que moldam e refletem não só narrativas culturais e históricas, como também narrativas sociais, dado que as suas coleções são, no fundo, realizações de pessoas (autores, curadores, críticos, colecionadores...) mais ou menos condicionados por determinados grupos que, de forma implícita ou explícita, ocupam patamares decisórios daquilo que pode e não pode entrar no museu (e ser – ou não - mostrado).



Figura 5: projeto *A obra sou Eu. Apaga-me se quiseres* 2020/21, Fonte: Gonçalo Barriga

A museologia crítica busca então questionar o papel tradicional dos museus e as distintas formas como estas instituições produzem e reproduzem significados a partir das suas práticas expositivas e dos artefactos a que dão mais relevo.

Já as políticas públicas moldam as ações e prioridades dos governos em áreas como a cultura, a educação e a memória histórica. É cómodo pensarmos que em regimes democráticos, como os nossos (que sabemos estarem atualmente sob enorme acosso de estratégias autocráticas e populistas de usurpação) as políticas públicas já foram previamente sufragadas pela maioria dos cidadãos e, supostamente, refletirão os desejos da comunidade.

No entanto, em certos países, sabemos que o papel dos museus só entra na discussão pública quando ousa expor - às vezes com elevadas doses de polémica à mistura - aquilo que sai de uma certa tradição das práticas museológicas alicerçadas num certo patrimonialismo entesourado, ou na enésima reamostra da obra de um suposto génio criador de um dado artista nacional. E isso às vezes acontece contra uma determinada orientação política mais voltada para questões da economia e verdadeiramente alienada das políticas públicas culturais. Preferiria, certamente, um museu mais ou menos neutro e sem tomar posicionamento relativamente às grandes tensões que atravessam as sociedades contemporâneas.

Mas como Malraux sustenta (s/d: p.11) “O museu impõe um estado de interrogação relativamente a cada uma das expressões do mundo nele reunidas e àquilo que as reúne”. Este “estado de interrogação” não se coaduna com a neutralidade que uma certa visão conservadora defende: precisamente a do museu como mero espaço de guarda e conservação de objetos. Antes pelo contrário, a denominada “nova museologia” que autores como de Vergo (1989) defendem, desde finais dos anos 80, assenta precisamente “num questionamento radical das ideologias, valores e metodologias” (Chaplin & Walker, 2002, p.126) que tendencialmente se tornam dominantes.

4. Nos entre-lugares

Acreditamos que é nos entre-lugares, entre pessoas, entre instituições, entre pensamentos que se podem transformar os lugares de educação. Onde o museu sai de si e vai ao encontro da escola, onde a escola vem ter aulas no museu e sobretudo quando decidem co-criar juntos.

Neste lugar de co-criação deixa de existir quer escola, quer museu e surge um outro lugar de educação. Diríamos um novo território educativo metamorfoseado e impregnado de diferentes olhares e pontos de vista rico em semântica, e possibilidade e imaginação.

Um território móvel e dinâmico, com o potencial de não ser obrigado a nenhuma forma e onde o impossível - o ainda não pensado, pode surgir.

A co-criação torna-se possível exatamente no encontro de vontades, de desejos de transformação, de encontros criativos. Estamos a falar por exemplo de projetos de parcerias educacionais que permitem ensaiar o mundo a partir do lugar da Arte e da educação artística, onde fruidores se transformam em criadores, onde os espaços museológicos são vividos e experienciados como seus, como parte do seu quotidiano – como uma casa, onde se constroem relações de proximidade com a arte, os artistas, conteúdos e conceitos em aprendizagens próprias e significativas - cada um responsável neste processo, onde museu e escola são anfitriões e permitem-se criar em conjunto com os seus públicos - as pessoas, na sua diversidade, complexidade e heterogeneidade, criando relações de escuta, respeito e cuidado e ainda ousar trabalhar o mundo e as suas inquietudes, numa resposta às questões da sociedade contemporânea.

Tudo isto é matéria de dissenso e de pensamento, e é neste lugar presente de ponderação e imaginação que está latente o poder de transformação e a criação nestes entre-lugares de transmutação dos paradigmas que ainda nos prendem a ideias formatadas de educação, de escola e de museu.

Como nos diz Bruno Munari, a árvore, é a explosão lentíssima de uma semente, então se partimos de sementes de sonhos, que diferentes árvores poderemos encontrar?

Se toda a ordem presente na realidade é fruto da imaginação que venceu, imaginar deveria ser uma dimensão da vida levada a sério. Imaginar o que pode ser e o que não é. O que poderia ser. (Porto, 2019, p.17).

REFERÊNCIAS

- Acaso M. & Megias C. (2017). **Art Thinking**: como el arte puede transformar la education. Grupo Planeta.
- Chaplin, S. & Walker, J. (2002). **Una introducción a la cultura visual**. Octaedro
- Dewey, J. (1980). **Arte como experiência**. A. Perigee Book.
- Dias, A. & Gomes da Silva, S. (2024) **Boletim ICOM Portugal**. Patrimonio Vivo. Série III Janeiro 2024 N.º21 Outro(s) Lugar(es) 75-86
- Eisner, E. (2002) **The arts and the creation of mind**. Yale University Press
- Greene, M. (1995). **Releasing the imagination: Essays on education, the arts, and social change**. Jossey-Bass
- Hooper-Greenhill, E. (2007). **Museums and Education, Purpose, Pedagogy, Performance**. Routledge.
- Huerta, R. (2021). Silk Road Museums: Design of Inclusive Heritage and Cross-Cultural Education. **Sustainability**, 13(11), e6020 doi: <https://doi.org/10.3390/su13116020>
- Huerta R. (2024). Art, photography and museums for senior students. **Arts & Communication**, 2(1), 1740. <https://doi.org/10.36922/ac.1740>
- Huerta, R. & Soto-González, M. D. (2022). Museari como recurso digital para activar el pensamiento reflexivo en estudiantado universitario. **Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social**, 8, 25-42. <https://dx.doi.org/10.12795/Communiars.2022.i08.02>
- Malraux, A. (s/d) **As vozes do silêncio**: O Museu Imaginário. Edições Livros do Brasil
- Porto, M. (2019). **Imaginação**. Reinventando a cultura. Polen
- Murawski, M. (2021). **Museums as agents of change**. A guide to became a change maker. Rowman & Littlefield

Van der Zanden, P. J., Meijer, P. C., y Beghetto, R. A. (2020). A review study about creativity in adolescence: Where is the social context? *Thinking Skills and Creativity*, 38, 100702.

Vergo, P.(1989). **The new museology**. Reaktion Books.

<https://blacklivesmatter.com/> consultado em 20/09/2024

<https://juststopoil.org/> consultado em 20/09/2024

<https://www.dn.pt/cultura/museus-apertam-vigilancia-devido-a-acoes-de-terrorismo-ambientalist-a-contra-arte--15320977.html/> 05 novembro 2022 às 09h35

@revistaeai

revistaeducacao
arteinclusao@
gmail.com

(48) 3321-8314

revista 
eai educação,
artes &
inclusão